

UM DEDO DE PROSA: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO¹

A LITTLE PROSE: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

Gabriela Zorzal*

Nome conhecido na literatura capixaba, Francisco Aurelio Ribeiro é autor de vários livros, entre eles está *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*. O livro é um registro de lugares que o autor conheceu, escrito com a sensibilidade de 30 anos de experiência com literatura. Francisco já publicou mais de 50 obras entre poesias, crônicas e livros infantojuvenis.



Prints da exibição do programa *Um dedo de prosa*, com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro.

¹ TV ASSEMBLEIA Legislativa do Estado do Espírito Santo. *Um dedo de prosa*: Francisco Aurelio Ribeiro. Entrevista a Gabriela Zorzal. Vitória, 13 out. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NJJx7YnW8vA&t=774s>>. Acesso em: 4 abr. 2025.

* Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Gabriela Zorzal (GZ): Olá, começa agora mais um programa *Um dedo de prosa*. É o nosso espaço aqui na TV Ales, para falar sobre literatura. E hoje a gente conversa com o escritor Francisco Aurelio Ribeiro. Francisco, seja bem-vindo ao nosso programa!²

Francisco Aurelio Ribeiro (FAR): Obrigado. É um prazer estar aqui com vocês.

GZ: Nós estamos com um dos seus livros aqui. Você tem vários livros publicados, mais de 50 livros publicados. A gente está com um livro seu aqui, que são crônicas de viagem; o nome é *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*. Gostei dessa ideia de crônica de viagem; deve ser uma delícia escrever!

FAR: É. Na verdade, quem gosta de viajar também gosta de ler sobre viagem; eu leio muito sobre viagem, gosto muito, mas quando a pessoa sabe contar, porque tem pessoas que contam determinadas coisas que não interessam para o público de um modo geral. E o meu objetivo é exatamente falar, mas de uma maneira para as pessoas que gostam de saber como que é o mundo que eles não conhecem ou a experiência de alguém que está indo ao mundo mesmo que ele conheça, mas como foi a experiência que ele teve.

GZ: Agora esse livro são 122 países, né? O senhor visitou todos esses países?

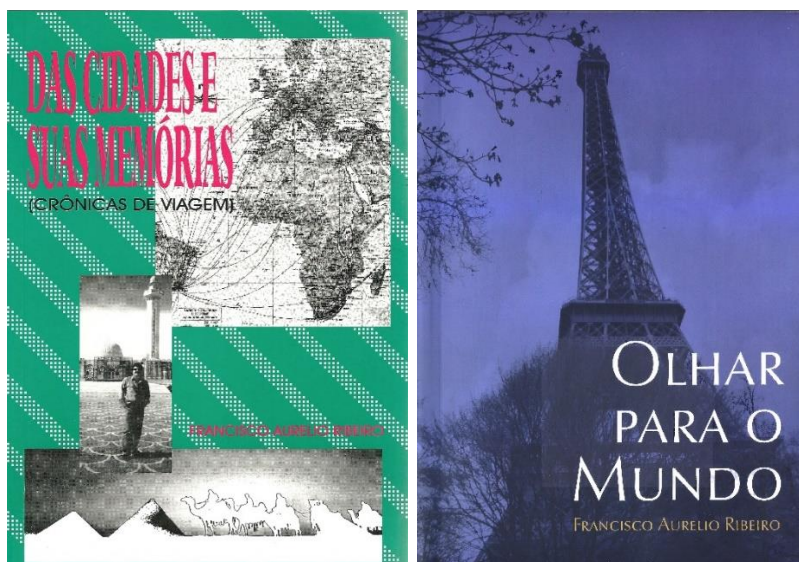
FAR: Olha, eu comecei a viajar pelo mundo com 20 anos. Em 1975, comecei a sair. O primeiro lugar que eu acabei chegando foi até em Assunção, no Paraguai. Naquela época ainda era um jovem professor, pouco dinheiro, tipo mochilão. Só

² Transcrição da entrevista realizada pelo Neples. Para dar ao texto maior legibilidade, optamos por excluir, em geral, as diversas marcas próprias da conversa coloquial, como expressões expletivas ("né?", "assim", "Aham", "Hum", "sabe?" etc.); frases repetidas ou fragmentadas pela hesitação, dúvida ou gagueira eventual.

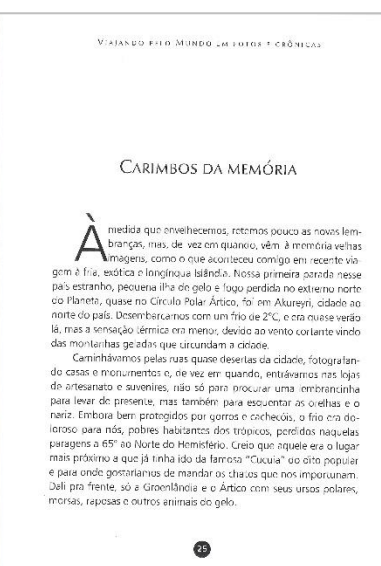
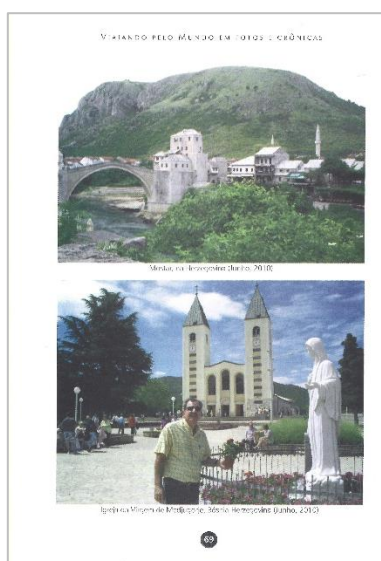
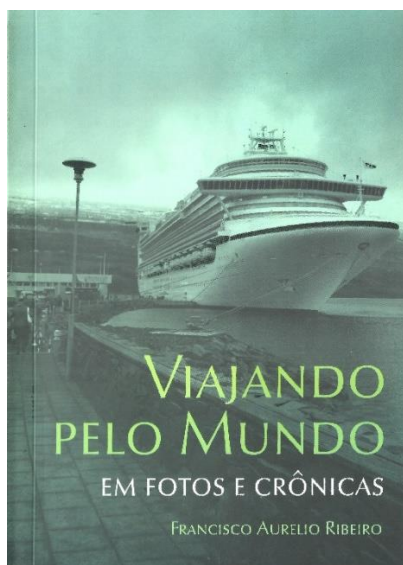
que eu gostei dessa experiência de viajar pelo mundo, assim, sem programar muita coisa e para conhecer mesmo, saber o que existe. Hoje, é claro, que com a internet fica tudo mais fácil. Primeiro, você entra e vê como é que o clima é tudo; mas é uma experiência que ainda não acabou. Eu continuo tendo o espírito jovem ainda.

GZ: O senhor tem outros livros? Esse não é o primeiro livro de crônicas de viagem.

FAR: Não, o primeiro livro de crônicas de viagens chamava-se *Da cidade e sua memória*, foi em 1995; depois eu escrevi um outro chamado *Olhar para o mundo*, e agora esse é o terceiro, é o mais recente. E depois desse terceiro eu não sei se virão outros ou se eu ficarei apenas com o site. Porque eu também tenho um site de crônicas de viagens.



Capas dos primeiros livros de crônica de Francisco Aurelio Ribeiro.



Capa e páginas de *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*, de Francisco Aurelio Ribeiro.

GZ: Porque eu essas viagens, esses lugares, essas experiências que o senhor tem te inspiram tanto para escrever?

FAR: Eu não sei bem por que, não. Eu tenho impressão que deve ser uma coisa genética. Eu até já andei fazendo uma pesquisa. Pelo lado da mãe, eu tenho a família Ricci que teve um grande viajante, na época da Idade Média, chamado Matteo Ricci, que foi um padre que foi até a China, na época da Idade Média; e pelo lado do pai, toda a ascendência portuguesa. Os portugueses foram os maiores navegantes do mundo, os maiores descobridores do mundo. Inclusive,

segunda-feira vou fazer uma palestra na Biblioteca Pública sobre isso, sobre essa herança dos portugueses pelo mundo, a partir da minha experiência de viagem. Então, acho que tem muito a ver com essa influência genética e cultural da minha origem.

GZ: E viajar é uma delícia, né?

FAR: É e não é!

GZ: Como assim?

FAR: É e não é. Porque a gente não pode ir com esse olhar romântico de viajar é só uma delícia; viajar também pode ser um grande transtorno.

GZ: Você já passou perrengue?

FAR: Muitos; todo tipo de perrengue que você puder pensar eu já passei. Agora, você tem que ter é o espírito de encontrar o diferente, o desconhecido, e de estar preparado para resolver o que seja; seja perda do avião, seja um maremoto – como eu já peguei; eu já peguei um tsunami; eu nunca tinha ouvido falar o que era um tsunami e eu já peguei num naviozinho lá na Grécia. E, então, na verdade, é saber fazer mesmo do limão uma limonada. Isso é básico para quem viaja.

GZ: Você falou de a gente não romantizar a viagem. Agora, esse tipo de situação, esse perrengue também inspira para escrever, também é tema de crônica.

FAR: Eu acho que são as melhores histórias; são exatamente essas quando as coisas acontecem não do jeito que você previu, mas que muda tudo. Então eu penso que são as melhores histórias. Agora em janeiro, por exemplo, a gente foi fazer um cruzeiro que saiu do Rio de Janeiro para ir até Santiago, atravessando lá pelo antigo Estreito de Magalhães, que é uma região muito perigosa, sempre

foi uma região muito perigosa, e que só pode ser feita no verão. Como nós fizemos isso há dez anos, eu e minha esposa resolvemos fazer agora em janeiro, no início desse ano, porque a primeira viagem foi maravilhosa. A segunda deu tudo errado: pegamos uma tempestade no navio, nós ficamos mais de uma semana presos dentro do navio sem poder sair. Mas por outro lado, tudo isso depois acabou revertendo em benefícios, porque o valor do cruzeiro foi devolvido, e aí eu peguei esse valor e fiz um outro.

GZ: Quer dizer, ainda rendeu uma outra viagem.

FAR: Rendeu outra viagem.

GZ: E rendeu muita crônica?

FAR: Nossa! Olha, é só entrar no site que você vai ver que tem no mínimo umas dez crônicas dessa viagem desastrada.

GZ: Qual é o site, Francisco?

FAR: www.tornaviagem.com.br



Página inicial do site *O torna-viagem*, de Francisco Aurelio Ribeiro.

GZ: Agora com que frequência você viaja?

FAR: Olha, sempre que tem dinheiro. Então o que é que eu faço – e não precisa ter muito, não. Eu sempre financio minhas viagens. Então, na hora que tem algum dinheirinho sobrando eu já começo a pagar a passagem, e terminou de pagar aquela já compro outra, porque o mais caro é a passagem aérea. Pagou a passagem aérea, qualquer grana no bolso, tô indo. Agora, tipo mochilão, sem mesmo preocupar, porque o dinheiro para o hotel caro e para a comida cara, isso aí eu não tenho, sou professor e não tenho dinheiro pra isso. Agora para viajar, eu adoro ir para a África, gosto muito da África. Atualmente estou fazendo mais África e Ásia, países... é... claro que eu comecei pela América Latina. Eu já fui já visitei todos os países da América Latina; da América Central só falta El Salvador; do Caribe só falta uma ilhazinha chamada de San Vicente. Da África agora eu tô indo a vários países e da Ásia. E são países baratos.

GZ: Agora, você comentou nos bastidores que você escreve todo dia; é um exercício diário. Durante a viagem também dá tempo de escrever ou é a hora de dar uma pausa?

FAR: Dá. Dá, mas eu não me preocupo com isso, não. Às vezes, quando, por exemplo, você está fazendo um cruzeiro e você tem um, dois dias de mar, aí dá para escrever; aí eu sempre levo o laptop, uma coisa assim pra poder escrever. Agora, de um modo geral, não gosto nem de levar o laptop, não gosto porque dá um trabalho passar tudo quanto é fronteira com aquilo: tem que tirar da mochila, aquele negócio todo. Então, não gosto. Outra coisa: não sou aficionado por foto; não gosto de tirar milhares de fotos...

GZ: Mas o livro tem bastante foto...

FAR: Tem, mas são poucas. As minhas fotos são ruins e poucas; eu não sou fotógrafo. Todo mundo se acha fotógrafo hoje com as máquinas digitais, mas na

verdade é porque as máquinas têm muito recurso, mas não curto muito, não. Eu gosto de escrever para que as pessoas imaginem. Eu gosto muito desse imaginário anterior ao da foto.

GZ: E quando você tem a foto ali, você já visualiza o local; sem a foto o leitor, ele vai imaginando, compondo aquele cenário...

FAR: E outra coisa: você geralmente não tira foto de perrengue; só tira foto da hora boa, do pôr do sol, da coisa bonita. E as melhores histórias são histórias do perrengue.

GZ: Agora, eu queria que você destacasse algum lugar desse livro, que está neste livro – são 122 países. Tem algum com uma história especial?

FAR: Só que nesse livro aí não tem cento e vinte e dois; tem alguns que eu fiz, e são países, assim... hoje pouca gente vai para Madagascar, país a que pouca gente vai e que não tem nada a ver com o filme; é um país muito pobre, mas que tem uma cultura incrível.

GZ: Foi o lugar que chamou a atenção, que te marcou...

FAR: Não o que me marcou mais desses países da África foi a Etiópia, porque a Etiópia é o berço da humanidade; lá foi descoberto o primeiro esqueleto, os primeiros hominídeos nasceram lá. E a Etiópia, para a minha geração que viveu a guerra da Etiópia, que foi nos anos 80, toda aquela questão da fome e tudo, era pra nós, a ideia da Etiópia, aquele que de um país muito pobre, aquelas crianças famélicas e tal, ainda existe, mas não como era na década de 80. Agora, a cultura daquele país é incrível, é incrível. Então eu tive a oportunidade de passar duas semanas lá; conheci as quatro capitais do país, é um país muito antigo, é um país que é citado na Bíblia como um dos jardins do Éden, que era a terra de Cuxe, Cuxe era um dos netos de Noé. Então, esse foi um país que me

impressionou muito. Outro também foi a Armênia. Armênia é um país muito pequeno, espremido entre a Rússia e a Turquia, um país que tem um problema muito sério tanto com a Rússia quanto com a Turquia, porque foram grandes países que tentaram dominar, como fizeram com muitos outros, e com os armênios eles não conseguiram. Então, a Armênia é um país milenar, eles também se dizem descendentes de Noé, eles se dizem descendentes de Jafé; o monte Ararat pertencia à Armênia, hoje pertence à Turquia, depois que a Turquia tomou em épocas passadas. Então é um país que eu fui no ano passado e que me impressionou muito. Então, sempre tem esses países que chamam a atenção. E você observa o seguinte: o que me impressiona são as culturas milenares, não são as grandes igrejas, não são as grandes obras, pontes, nada disso me impressiona muito. É claro que impressiona, sim, quando você vai no Japão, você vai lá e vê a China que está num momento incrível, mas o que me atrai ainda, como professor de literatura e estudioso da história, são as culturas milenares que conseguiram sobreviver, apesar de toda a pressão que ela sofreu e sofre durante milênios.



Etiópia, um dos países admirados por Francisco Aurelio Ribeiro
(Foto sem crédito).



Armênia, outro país admirado por Francisco Aurelio Ribeiro
(Foto de Gevorg Avetisyan).

GZ: Agora pelo que você fala é você cita destinos que não são tão típicos assim pra turista, grandes rotas turísticas. É uma vontade sua mesmo ir para esses lugares às vezes não tão destaque assim na questão turística?

FAR: Eu faço dois tipos de viagem, Gabi: uma viagem eu faço com a minha esposa, que é a viagem aonde todo mundo vai, onde tudo é certinho, tudo é bonito, tudo organizado; esse tipo ela gosta, todo mundo gosta, então é ótimo...

GZ: Aqueles roteiros...

FAR: Mês que vem eu vou para a Itália...

GZ: São os roteiros mais clássicos...

FAR: Mais clássico. Mas mesmo indo para a Itália, de lá pegando o navio pelo Mediterrâneo, eu vou parar em lugares que não são tão comuns. Kotor, por exemplo, em Montenegro; tem um porto também da Eslovênia em que navio dificilmente para lá. Então, até quando eu escolho roteiro de navio, eu escolho roteiros assim... em navios pequenos, porque são os que conseguem parar nesse ponto e lugares assim onde não tem muito fluxo de turismo, porque o turismo em massa é uma praga, uma praga no mundo todo. Você chegar em Roma e ter milhares de pessoas e você não conseguir tirar nem uma foto do Coliseu; isso já

aconteceu comigo; você chegar em Paris e não conseguir subir à torre Eiffel porque milhares de pessoas estão na fila para subir, e você teria de ficar o dia inteirinho lá para conseguir subir na torre, isso é um inferno, para mim é um inferno. Então, você dizer que Roma ou Paris ou Londres são maravilhosas, que nada! Às vezes são horríveis! Depende da experiência por que você passa. Então, tem esse roteiro cultural que eu já faço sozinho e, às vezes, é quando eu arranjo um companheiro tão doido quanto eu. Por exemplo, em janeiro agora eu tô indo para as Ilhas Maldivas e de lá eu vou pro Sri Lanka e para a Costa da Índia, que eu ainda não conheço, que é a costa oeste.

GZ: E a gente pode esperar crônica no site.

FAR: Com certeza, muitas.

[Intervalo]

GZ: Francisco, já falamos bastante sobre seus destinos, suas crônicas de viagem...

FAR: Pra mim eu só comecei, Gabi [Risos].

GZ: Tem muita coisa pra falar, né?

FAR: Mas é melhor deixar para ler no livro, né?

GZ: É. O nome do seu livro é *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas...*

FAR: Isso porque no outro que eu fiz, o *Olhar para o mundo*, as pessoas diziam: "Poxa, tem pouca foto!", porque hoje o mundo vive de fotos... Aí eu tentei colocar um pouco mais aí. Agora eu fui para o site onde eu posso colocar mais fotos.

GZ: Ia falar justamente isso, que você também tem um site em que escreve sempre sobre crônicas de viagem. Eu queria falar com você também sobre literatura, principalmente a literatura do Espírito Santo. Você tem vários livros publicados; é presidente da Academia Espírito-santense de Letras. Vamos falar um pouquinho sobre essa produção literária aqui. Eu acho que uma pessoa como você passando por aqui a gente não pode deixar de falar disso. Como você avalia o nosso mercado?

FAR: Eu tenho acompanhado isso muito, Gabi. A minha tese de doutorado foi sobre literatura do Espírito Santo; isso foi nos anos 80. Eu analisei o que acontecia nos anos 80. Depois disso continuei estudando e, atualmente, o que eu posso dizer para você é o seguinte: nós temos uma grande produção, uma grande e diversificada produção, diante dessa facilidade hoje provocada pelas leis de incentivo e pela informatização que permite as pessoas fazerem um livro, muitos fazem até... Então nós temos uma produção muito grande. Em 2014 eu cheguei a fazer um levantamento de cerca de 300 livros publicados por ano no Espírito Santo, quer dizer, é um grande número, se compararmos ao passado. E eu pensei que com a crise isso fosse diminuir, mas não é o que eu tenho visto, não, porque eu tenho visto muita coisa sendo feita, muitas vezes com recursos próprios ou com apoios. Agora, a grande dificuldade de quem escreve no Espírito Santo é a distribuição e a divulgação disso que eles produzem. Nós temos o maior comprador de escritores capixabas que sempre foi o governo estadual. Então o governo estadual, até 2007, comprava muito. O que que aconteceu?

GZ: Comprava – só esclarecendo –, comprava os livros para as escolas.

FAR: Para as escolas. Então, o governo comprava o livro e esse livro era distribuído para as escolas. O Espírito Santo tem mais ou menos 500 escolas da rede estadual. Considerando aí, vamos dizer que o governo compre 2 mil para cada escola teria mil livros que seria uma boa venda uma boa tiragem para

qualquer escritor. Bom, isso aconteceu até 2007. Daí pra frente o governo parou de fazer esse investimento, porque foi quando ele começou a investir nos editais. Então, na lógica de quem estava na gestão, eles imaginavam que, fazendo os editais, eles estavam já cumprindo a obrigação do estado que seria a divulgação da leitura, apoiar a produção literária e levar aos alunos. Só que isso não ocorre, porque o que acontece: os editais, eles são seletivos. Para você ter uma ideia, no ano passado houve duzentos livros inscritos no edital de literatura e dez foram selecionados; então, 190 deixaram de ser publicados com o apoio do governo. Bom, esses dez livros, então, eles vão ser distribuídos nas escolas, uma parte da tiragem vai para as escolas, para as bibliotecas públicas, e os outros? Como é que ficam os outros que não publicaram por edital? Geralmente, por exemplo, um autor mais conhecido, ele não publica por edital; ele já tem publicação por editora, e, geralmente, ou pode ser que, às vezes, seja até os melhores, porque já tem o mercado, já tem um nome firmado. É uma grande injustiça que tem ocorrido no Espírito Santo. Então esse é um problema generalizado.

GZ: Inclusive, Francisco, vários escritores que vêm aqui no Programa, a gente conversa sobre isso, também apontam um problema nessa distribuição e divulgação. Quer dizer, não é tão difícil você publicar, você consegue, mas dali pra frente o que fazer?...

FAR: Inclusive, eu recomendo hoje aos jovens escritores para não publicarem se não tiver como divulgar, porque, se não, você vai ficar com livro debaixo da cama. Normalmente, quando um jovem escritor vem conversar comigo, "Ah, eu consegui apoio pra fazer meu livro", [eu digo] "Olha, então faça uma tiragem bem pequena, para experimentar o mercado, porque você vai fazer uma tiragem grande e você vai ficar com o livro encalhado". Não tem como o escritor sozinho fazer essa divulgação. Isso é um processo; é um outro processo, o processo comercial. E além de não termos também o apoio que nós deveríamos ter por parte do governo, nós também não temos um mercado do livro no Espírito Santo.

Por exemplo, pouquíssimas editoras, pouquíssimas livrarias; e se você procurar um livro de escritor capixaba, você não acha. Entra nas grandes livrarias dos shoppings e vê se você acha algum livro do autor capixaba: pouquíssimos, só os que publicaram fora daqui, como Elisa Lucinda, Viviane Mosé, o Rubem Braga, os nomes mais conhecidos. Agora, quem publica aqui não consegue; esse é um problema muito sério.

GZ: Agora eu queria falar com você também sobre o leitor; como é que está o nosso leitor? Sei que você também é professor de literatura.

FAR: Com certeza. Olha, o leitor é o grande, vamos dizer assim... eu sempre digo o seguinte: que a relação da literatura é uma relação triangular, tem o escritor que produz, tem o objeto que ele produz, mas isso só se completa quando chega ao leitor. Então, é uma relação triangular. Não adianta você escrever um livro se você não conseguir publicar e se este livro não chegar ao leitor. São três coisas que estão juntas: autor, livro e leitor. Bom, o leitor hoje é completamente diferente do leitor da época em que eu comecei a escrever. Para você ter uma ideia, Gabi, os meus primeiros livros foram escritos para criança e saiu uma tiragem de três a cinco mil exemplares, que eram vendidos em um ano. Havia uma grande divulgação da literatura nas escolas, havia muito mais leitura nas escolas do que hoje. Então, eu tive livros, como, por exemplo, *Leve como a folha*, *Era uma vez uma chave* e livros que saíram na década de 80, que chegaram a ter 8 tiragens de três mil exemplares, mais de 20 mil livros foram vendidos naquela época. Hoje, quem consegue divulgar livro é o processo inverso; são aqueles que fazem sucesso na internet, são os youtubers, são os maiores vendedores de livro hoje no Brasil. E confesso pra você que é uma obra de baixíssima qualidade, porque o menino de 16, 17, 18 anos, ele não tem maturidade, ele não tem leitura suficiente para escrever alguma coisa de qualidade. Então, aquele produto que ele faz são produtos de adolescente destinado a adolescente é mais ou menos o que acontece na rede social, ou seja, não há um crescimento. A literatura, ela é uma arte e como toda arte é uma

evolução do espírito humano, qualquer pessoa pode fazer um sambinha, uma musiquinha e tal. Mas para você compor uma sinfonia, uma obra com qualidade, você tem que estudar; não basta apenas o seu valor pessoal; a escritura, a escrita é a mesma coisa. Você pode ter seu valor, você pode ter seu mérito, sua tendência, mas você tem que ter estudo e o estudo para quem escreve é muita leitura. Esse é que é o estudo, para você aprender com os grandes mestres, e aprender a escrever não apenas o óbvio, mas a escrever realmente o que tem valor; esse é que é o grande desafio.

GZ: Mas, Francisco, só pra gente fazer um contraponto: você está falando dos clássicos de literatura? De essa meninada, de esses adolescentes terem acesso e lerem esse tipo de literatura?

FAR: É um aspecto, ou seja, eles podem ler. Foi fundada a primeira Academia Estudantil de Letras, e eu estive lá. Com que alegria eu conversei com aqueles jovens. E quando eles vinham – eu que dei posse a eles como presidente da Academia –, eu dava um livro de presente pra eles e depois perguntava pra eles. Por exemplo, havia a menina da cadeira Rachel de Queiroz. Eu perguntei assim: “O que você já leu da Rachel de Queiroz?”. Ela falou: “*O quinze* e estou adorando”. Eu falei: “Olha, procura ver que o que ela descreve em *O quinze* em relação à seca de 1915 é o que estamos vivendo hoje; só que aquele era um contexto do Ceará, hoje é um contexto do Espírito Santo”. Então, você veja como é que a literatura pode ser universal; só que a Rachel de Queiroz era jovem quando escreveu aquele livro, mas ela fez uma obra que perdurou no tempo, daí ela se tornou clássico. Agora, eu te pergunto, essa produção que é feita aí, em massa, desses jovens, ou, então, vou pegar uma escritora que vendeu muito, não sei se continua vendendo, como a Thalita Rebouças, tem a tal de Kéfera, também, tem esse povo assim da moda que escreve. Será que daqui a cem anos eles vão ser lidos? Será que daqui a 100 anos o que eles escreveram vai significar para a história da humanidade? Essa que é a grande diferença, Gabi, entre o que

se faz e tem valor e o que se faz e apenas passa, como a maioria do que existe no mundo de consumo, que é esse mundo de hoje.

GZ: Apesar de que se fala também, Francisco, que a gente, nós estamos lendo muito e escrevendo muito.

FAR: Isso é uma verdade. Nunca se leu e se escreveu tanto quanto nos dias de hoje.

GZ: Agora, a questão, pelo que você fala, é a qualidade...

FAR: A qualidade do que se lê e do que se escreve, porque se desenvolveu uma comunicação escrita bastante rudimentar e, por outro lado, também bastante... porque você veja o seguinte: ou a gente conversa abreviando o que a gente conversa, nas redes sociais, ou então usando esses símbolos visuais que são limitados. Será que toda vez que você tá alegre com alguma coisa é aquela carinha que tá lá, daquele idiota, a carinha assim idiota? Como escrever esse sentimento de alegria é completamente diferente de você pegar um simbolozinho e tal. Então, houve uma redução da expressão humana; houve uma grande divulgação, mas uma redução, porque a maneira de expressar o que nós sentimos do sentimento humano, ela é infinita, tantas quantas forem as possibilidades do ser humano de dizer isso.

GZ: Francisco, nesse cenário o que que a literatura, o que que o escritor pode fazer? O que fazer?

FAR: Bom, em primeiro lugar, eu acho que o escritor de literatura tem que continuar buscando a perfeição como artista que deve ser, já que literatura é arte. Agora, o papel mais importante é o papel da escola, porque é uma escola de qualidade que vai formar bons leitores e futuros bons escritores de literatura. Então, tudo se resume numa educação de qualidade.

GZ: E também, só para reforçar, o incentivo em casa, a leitura em casa.

FAR: Isso é essencial. As crianças não são diferentes dos adultos, do mundo dos adultos. Na verdade, não adianta os pais quererem que os filhos leiam se eles não leem, se eles não leem com eles. “Eu não tenho tempo pros meus filhos...”. Bom, se você não tem, então como é que vai resolver o problema? Esse é um problema, sim; a escola, ela forma, ela educa, mas esse processo, ele continua na vida social e na família.

GZ: Francisco, o nosso programa está acabando. Quero agradecer muito a sua presença aqui no *Dedo de prosa*. Eu acho que a gente tinha assunto para vários programas, e eu aproveito para deixar as portas abertas, para que você retorne com novidades, com novas obras, para um novo bate-papo.

FAR: Está bom. Eu agradeço também; espero voltar no próximo ano com um livro infantil que eu estou apostando muito nele.

GZ: Então está marcado já.

FAR: A história da minha netinha, chama *Clarissa e o beija-flor*.

GZ: Então eu vou esperar. Bom, o programa *Um dedo de prosa* de hoje termina aqui [...].



Print da exibição do programa *Um dedo de prosa*, de outubro de 2016, com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro a Gabriela Zorzal.